

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**Análise linguístico-cognitiva de sinais-termos sobre Literatura:
um estudo do canal SinalArt**

Maria Eduarda Pinheiro Rodrigues

Rio de Janeiro
2026

Maria Eduarda Pinheiro Rodrigues

**Análise linguístico-cognitiva de sinais-termos sobre Literatura:
um estudo do canal SinalArt**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Valeria Nunes

Rio de Janeiro
2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Eduarda Pinheiro Rodrigues

**Análise linguístico-cognitiva de sinais-termos sobre Literatura:
um estudo do canal SinalArt**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Aprovada em: 24/06/2026

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Valeria Fernandes Nunes, professora adjunta - UFRJ

Leitora crítica: Prof.^a Dr.^a Fernanda Grazielle Aparecida Soares de Castro, professora adjunta -UFRJ

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a minha família e a meus amigos, que me apoiaram e incentivaram durante toda a graduação.

Agradeço também aos projetos e grupos que me ajudaram durante minha formação e me levaram a me encontrar dentro da minha pesquisa. Ao projeto de extensão SinalArt, que é essencial para esse trabalho, e me permitiu um maior contato com a Libras e com a pesquisa acadêmica. E ao grupo de pesquisa Surdez e Acessibilidade, que também me proporcionou um maior contato com a área da Libras e me direcionou na pesquisa e na escrita acadêmica.

Por fim, agradeço especialmente à minha orientadora, Prof.^a Dra.^a Valeria Nunes, que foi essencial em minha formação, por acreditar no meu potencial, pela disponibilidade e pela confiança depositada.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo a análise dos processos linguísticos-cognitivos subjacentes em sinais-termos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), presentes na playlist de Literatura do canal SinalArt. Sendo assim, buscamos responder quais desses processos estão presentes nos dez sinais-termos de nossa amostra, tentando descrevê-los. Para atingir esse objetivo, foi feita uma pesquisa qualitativa a partir de um estudo bibliográfico dos conceitos teóricos da Linguística Cognitiva, além de um estudo documental feito a partir dos documentos audiovisuais disponibilizados no canal SinalArt. A partir da análise dos sinais-termos selecionados chegamos a dois resultados principais, primeiro a presença desses processos linguísticos-cognitivos em todos os sinais da amostra e segundo o reconhecimento da metonímia e da metáfora como os processos mais recorrentes na análise. Assim, a investigação do papel desses processos linguístico-cognitivos na elaboração dos sinais-termos contribui simultaneamente para a divulgação científica dos estudos linguísticos cognitivos e para salientar o estatuto linguístico da Libras como uma língua natural de modalidade visuo-espacial.

Palavras-Chave: Linguística Cognitiva; Libras; Processo linguístico-cognitivo; Sinal-termo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the underlying linguistic-cognitive processes in sign-terms of Brazilian Sign Language (Libras) found in the Literature playlist of the SinalArt channel. Therefore, we seek to identify which of these processes are present in the ten sign-terms of our sample, attempting to describe them. To achieve this objective, qualitative research was conducted based on a bibliographic study of the theoretical concepts of Cognitive Linguistics, alongside a documentary study of the audiovisual records available on the SinalArt channel. Based on the analysis of the selected sign-terms, we reached two main results: first, the presence of these linguistic-cognitive processes in all the sample signs, and second, the recognition of metonymy and metaphor as the most recurrent processes in the analysis. Thus, the investigation into the role of these linguistic-cognitive processes in the creation of sign-terms contributes simultaneously to the scientific dissemination of cognitive linguistic studies and to highlighting the linguistic status of Libras as a natural language of visual-spatial modality.

Keywords: Cognitive Linguistics; Libras; Linguistic-cognitive process; Sign-term.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Linguística Cognitiva	9
1.1 Frames, Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e Domínio	11
1.2 Corporificação e Esquemas Imagéticos	13
1.3 Metáfora Conceptual	15
1.4 Metonímia Conceptual	16
1.5 Iconicidade Cognitiva	18
2. Literatura	20
2.1 Literatura Surda	23
3. Metodologia	28
4. Análise de sinais-termos de Literatura em Libras	30
4.1 Sinais metonímicos	30
4.2 Sinais metafóricos	35
Considerações Finais	41
REFERÊNCIAS	43

Introdução

A Linguística Cognitiva (LC), corrente teórica que norteia este trabalho, investiga como construímos e compreendemos sentidos com base nas nossas experiências e na nossa interação com o mundo. Ao estudar como a linguagem reflete a nossa mente, busca-se entender os princípios universais da cognição humana, ou seja, como o cérebro processa, armazena e recupera informações linguísticas.

A construção e compreensão dos sentidos descrita pela LC está presente tanto nas línguas orais quanto nas línguas visuais. No caso das línguas de sinais, por serem produzidas em um espaço visual, demonstram de forma mais tangível uma relação com o corpo e com o mundo. Por isso, entendemos que a Linguística Cognitiva é uma corrente teórica promissora para o estudo da elaboração desses sinais.

Sendo assim, este estudo se encarregou de analisar os processos linguísticos-cognitivos subjacentes em sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), presentes na playlist de Literatura do canal SinalArt. A escolha deste canal do Youtube para nossa coleta de dados se dá pois esse é o canal do projeto de extensão SinalArt da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que apresenta um glossário em Libras sobre diversos contextos artísticos, esse glossário é separado em playlists específicas para cada contexto artístico.

A questão central deste trabalho é responder quais processos linguísticos-cognitivos estão presentes na produção dos sinais-termos selecionados, tentando descrever como identificamos esses fenômenos linguísticos em cada sinal. Partindo da hipótese de que encontraríamos esses processos em pelo menos uma parcela dos sinais selecionados, já que a Libras é uma língua visual em que esses processos ficariam mais evidentes, devido à relação da língua com o corpo.

A compreensão do papel desses processos linguísticos-cognitivos na elaboração dos sinais é relevante tanto para os estudos da Linguística Cognitiva quanto para os estudos da Libras. Pois ao analisar a Libras a partir da LC incentivamos a divulgação acadêmica dos dois nichos teóricos, além de reforçar que a Libras é uma língua, tanto quanto as línguas orais, que também deve ser estudada e analisada no âmbito acadêmico.

Diante do objetivo de identificar as relações entre os conceitos teóricos da Linguística Cognitiva e os sinais-termos sobre Literatura disponibilizados no canal do projeto, foi feita uma pesquisa qualitativa a partir de um estudo bibliográfico dos conceitos teóricos da LC, e também sobre o ensino da Literatura, além de um estudo documental feito a partir dos documentos audiovisuais disponibilizados no canal SinalArt.

Iniciamos, então, o desenvolvimento deste trabalho com o primeiro capítulo, que apresenta o que é a Linguística Cognitiva e quais são seus pressupostos teóricos, que serão utilizados para nossa análise de dados e que estão separados no capítulo dentro de cinco seções utilizadas para explicá-los. Já no capítulo dois, buscamos entender a importância do ensino da Literatura de seus termos teóricos, comentando também na seção 2.1 sobre o que é a Literatura Surda e como também é importante sua divulgação e ensino nas escolas.

No capítulo três, explica-se a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, informando como foi feita nossa coleta de dados e como analisamos nossa amostra. E então, no capítulo quatro é feita nossa análise de dados, examinando os sinais selecionados em nossa amostra, que foram separados em duas seções: a primeira seção, destinada aos sinais metonímicos; e a segunda, destinada aos sinais metafóricos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, retomando o que foi encontrado na análise de dados, verificando os objetivos alcançados e discutindo a possibilidade de pesquisas futuras.

1. Linguística Cognitiva

A fim de esclarecer como foi feita a investigação dos processos linguísticos-cognitivos subjacentes nos sinais analisados, apresentaremos princípios basilares da Linguística Cognitiva. Para que possamos chegar até a Linguística Cognitiva temos que entender primeiramente o que é a Linguística, sendo essa o estudo científico da linguagem humana.

Chiavegatto (2009) destaca a evolução histórica da Linguística, desde o estruturalismo até o surgimento da abordagem teórica em questão. Onde identifica-se, por Chiavegatto, a inauguração dos modernos estudos sobre a linguagem a partir da publicação do Curso de Linguística Geral em 1916, pelas ideias de Louis Ferdinand de Saussure que estabelecem um modelo científico para o tratamento das línguas em geral, a Linguística.

Saussure (1999) propõe para essa ciência: um objeto de estudo, as línguas em geral; um método, a comparação entre as formas; e uma unidade básica da linguagem, o signo linguístico. Sobre o signo linguístico, Saussure expõe a união indissociável entre a imagem acústica, forma sonora que foi chamada de significante, e a imagem mental, conceito que foi chamado de significado. E foi com foco no significante que a linguística moderna se desenvolveu, surgindo, assim, o estruturalismo, corrente teórica que se estendeu por grande parte do século XX.

Ainda seguindo Chiavegatto (2009), vemos que foi a partir do trabalho de Chomsky (1957) que as pesquisas gerativistas dominaram o cenário da linguística. Estabelecendo a abstração de fatores ligados ao desempenho linguístico dos usuários, em prol de estudos sobre a competência linguística de um falante ouvinte ideal; trabalhando com as estruturas linguísticas de modo autônomo, sem interferência de aspectos pessoais, sociais, culturais ou de qualquer outra natureza.

No final do século XX e início do século XXI, surgiram trabalhos revisitando as relações entre a cultura dos povos e as construções de suas línguas. Que já haviam sido pensadas em 1921 por Edward Sapir, que afirmava que havia uma coesão entre a língua e o povo que se utiliza dela para a comunicação. Nesse período, muitos estudos trabalharam aspectos pragmáticos entre línguas e culturas, e é a partir dessas pesquisas que vai se construindo uma fundamentação consistente para o surgimento da Linguística Cognitiva.

Chiavegatto (2009) continua a trajetória expondo o surgimento do funcionalismo, que enfatiza o estudo das línguas a partir da análise das formas no uso real, levando em conta as relações estabelecidas com o contexto comunicativo. Tendo como ideia fundadora a existência de um relacionamento motivado entre forma linguística e função comunicativa, tratando a língua como uma estrutura maleável que se adapta às necessidades humanas.

Nesse quesito, vários caminhos de pesquisa foram se desenvolvendo sob o amplo guarda-chuva denominado funcionalismo. O qual, se divide em duas grandes vertentes: uma externalista, que analisa a relação da forma e da função nas motivações que atuam na superfície discursiva, investigando a iconicidade; e outra, que aqui nos interessa mais, que investiga as razões internas de a língua ser como é, ou seja, os aspectos cognitivos que expressam as relações entre pensamento e linguagem.

Partindo agora, propriamente, para a Linguística Cognitiva, Almeida *et al.* (2009) relata que pode se estabelecer uma data para o surgimento da LC no ano de 1989, quando foi proposta a Primeira Conferência Internacional de Linguística Cognitiva, na qual foi criada a International Cognitive Linguistics Association - ICLA e foi anunciado o início do periódico *Cognitive Linguistics*, lançado em 1990. Já sobre o início das pesquisas da Linguística Cognitiva, Ferrari (2011) aponta que nas décadas de 1960 e de 1970 se iniciam os estudos relacionados ao trabalho humano de categorização e às pesquisas de Ronald Langacker em 1991.

Os linguistas cognitivos pesquisam sobre a sistematicidade exibida pela linguagem diretamente relacionada a como a mente é padronizada e estruturada, e especificamente, como a mente exibe uma organização e uma estruturação conceptual; ou seja, eles descrevem a linguagem formulando hipóteses sobre como ela é representada na mente. Chiavegatto (2009) destaca os seguintes trabalhos acerca da LC: Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Fauconnier (1994), Fauconnier e Sweetser (1996) e Langacker (1987/1991).

Na perspectiva de Evans e Green (2006), a Linguística Cognitiva é descrita como um “movimento”, porque não é uma teoria específica e sim uma abordagem que possui um conjunto de princípios, propostas e perspectivas que assumem a linguagem como um reflexo do pensamento, uma questão de conceptualização. Eles expõem, então, que a LC adota uma perspectiva não modular da mente humana e entende que a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados

pela linguagem e outras capacidades cognitivas proporcionam o significado de uma palavra através de como o mundo é experienciado.

Para a Linguística Cognitiva, a linguagem é vista como instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática. Nessa perspectiva, defende-se que a “relação entre a palavra e o mundo é mediada pela cognição” (Ferrari, 2011, p. 14). Assim, o significado é resultado de uma construção mental que passa por constantes mecanismos de “categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (Ferrari, 2011, p. 15).

Ainda sobre o significado para a LC, Chiavegatto (2009) apresenta as seguintes premissas: o significado é guiado pelas formas linguísticas, ele é uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem, e é validado no contexto comunicativo. Com base nessas ideias, a gramática já não pode mais ser considerada um conjunto de regras que age sobre categorias de palavras ou de sentenças, ela agora pode ser vista como um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimento.

Um último apontamento a ser feito é que ao pensar sobre a análise dos sinais da Libras sob a luz da Linguística Cognitiva é interessante ressaltar que, segundo Ferrari (2011), a LC adota uma perspectiva empírica, enfatizando a experiência humana, a cognição e a realidade como ancoragem corporal, fazendo com que a linguagem reflita uma realidade projetada do ser humano. Consoante a isso, Chiavegatto (2009) destaca que as pesquisas em Linguística Cognitiva tratam a linguagem como instrumento cognitivo, à semelhança da percepção visual e do raciocínio.

1.1 Frames, Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e Domínio

A fim de esclarecer como a Linguística Cognitiva analisa as línguas, apresentaremos, a partir desse ponto, algumas propostas teóricas que fundamentam nossa pesquisa. Começando pelas propostas de “frame”, “Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)” e “Domínio”, sobre os quais alguns estudiosos têm posicionamentos diferentes. Kövecses (2006) destaca que a mesma ideia relacionada ao frame tem sido denominada na Literatura como modelo cultural,

modelo cognitivo idealizado e domínio. Todas essas designações referem-se à forma coerente de organização da experiência humana em nossa mente.

Segundo Geeraerts (2006), o termo *frame* - que foi proposto por Charles Fillmore (1985) e é específico da abordagem de línguas naturais - parte da ideia de que não podemos compreender uma palavra, um sinal, ou uma expressão linguística em geral, sem acessar a todo o nosso conhecimento enciclopédico sobre o mundo. Compreendemos, então, o termo “palavra” relativo às línguas orais e o termo “sinal” às línguas de sinais.

Exemplificando esse conceito, Geeraerts (2006) propõe que ao pensarmos na palavra/sinal *vender*, esse termo estaria relacionado ao conhecimento de uma transferência comercial em que encontramos um vendedor, um comprador, um item a ser vendido, dinheiro ou outro tipo de pagamento e outras questões relacionadas ao ato de vender. Sendo assim, estamos diante de uma palavra/sinal que ativa um *frame*, destacando conceitos individuais e determinadas perspectivas sobre como o *frame* é visto.

Consoante, Kövecses (2006) acrescenta que o *frame* é uma estrutura mental de representação de uma categoria conceitual que nos auxilia a organizar o conhecimento sobre o mundo, pois, geralmente, organizamos os conceitos em categorias e listas. Os *frames*, então, são dispositivos imaginativos de nossa mente, que colaboram para uma construção cultural, já que, muito de nossa compreensão do mundo advém de *frames* que associamos em categorias. Assim, a cultura é compreendida como um conjunto de entendimentos compartilhados representados por *frames* ou modelos culturais, que estão presentes nas línguas.

Sobre isso, Kövecses (2006) também destaca que Lakoff propõe o termo *modelo cognitivo idealizado*. Exemplificando-o com o conceito de “sexta-feira” que revela como ocorre nossa idealização sobre os dias, já que, o conceito de sexta-feira não existe no mundo, pois não existe uma marcação de sete dias na semana, na realidade, há alteração de luz/dia e escuridão/noite.

A partir desse exemplo, observa-se, então, que alguns *frames* só existem em determinadas culturas, pois cada indivíduo ou cada cultura idealiza sua versão da realidade. Segundo Almeida *et al.* (2009), “representações cognitivas de base cultural (MCIs) definem um horizonte de pressupostos (*frames*) a partir das quais os sinais/palavras são interpretados” (p.24).

Partindo da mesma investigação da organização da experiência humana em nossa mente, Langacker (2008) propõe a noção de domínio para se referir às estruturas armazenadas na memória, que será o termo utilizado nesta pesquisa para se referir a esse conceito teórico. Langacker, então, destaca ESPAÇO, VISÃO, TEMPERATURA, PALADAR, PRESSÃO, DOR e COR como domínios mais básicos com estreita relação com a experiência corporal.

Por fim, Evans e Green (2006) apresentam, adicionalmente, o domínio TEMPO para a compreensão de frases como “O Natal está se aproximando”. Neste caso, o conceito abstrato de Natal é compreendido como algo que está se movimentando, apesar de literalmente não poder se movimentar no tempo. Sendo assim, vemos como funciona a organização mental a partir das nossas experiências, pois apesar do conceito abstrato de Natal não se movimentar no tempo, ainda sim temos a concepção coletiva de sua movimentação.

1.2 Corporificação e Esquemas imagéticos

Ainda sobre o conceito de domínio, Lakoff e Johnson (1980) evidenciam que conceitos abstratos são sistematicamente estruturados em termos de domínios conceptuais, que são derivados de nossa experiência corporal e do comportamento físico de objetos, envolvendo propriedades como: MOVIMENTO, ELEVAÇÃO VERTICAL e PROXIMIDADE FÍSICA.

Segundo Evans e Green (2006), a língua não pode ser investigada de forma isolada, sem relação com o corpo humano, devido ao fato da Linguística Cognitiva possuir inspiração em tradições filosóficas e psicológicas que enfatizam a importância da experiência humana. A respeito disso, Evans e Green (2006) comentam sobre a proposta teórica da corporificação, na qual Mark Johnson (1987) destaca que a corporificação é encontrada na cognição humana, pois o que falamos ou pensamos está relacionado à experiência corporal sobre como percebemos e concebemos o mundo ao nosso redor.

Seguindo essa lógica, Lakoff e Johnson (1980) descrevem que a mente seria “corporificada”, estruturada através das experiências corporais, e não uma entidade puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão também seria “corporificada”, pois se origina tanto da natureza do cérebro, como das peculiaridades dos corpos e das experiências no mundo em que se vive. Assim,

sentidos, habilidades motoras e perceptuais estão ligados à linguagem e à forma como se conceptualizam conceitos na mente.

Lakoff e Johnson (1980) também analisam em sua pesquisa sobre a complexidade associada à representação conceptual, e informam que essa complexidade possui uma relação entre os tipos de conceitos que o ser humano é capaz de produzir e a natureza física de seu corpo. Sendo assim, existem expressões na Língua Portuguesa que confirmam a presença de uma linguagem corporificada, como por exemplo as catacreses, fenômeno linguístico que utiliza partes do corpo para formar conceitos. Logo, expressões como “cabeça do prego” e “pé da cadeira” seguem a lógica do corpo humano em que a cabeça se situa no topo do corpo e os pés no final, sendo assim corporificadas.

A partir da proposta de Lakoff e Johnson (1980), Nunes (2014) propõe para os estudos de Libras que a corporificação está atrelada às relações com os órgãos do corpo e suas funções estão presentes na produção de sinais, visto que o corpo é parte integrante na composição dos sinais. Para exemplificar, Nunes (2014) utiliza o sinal NASCER, que possui uma motivação corporificada, já que o sinal é realizado na região próxima à barriga e com um movimento indicando a ação de sair da barriga para fora.

Consoante a proposta da corporificação, Mark Johnson propõe que a experiência corporificada pode ser apresentada por meio dos esquemas imagéticos, que são uma forma de organização conceptual; sendo essa outra proposta teórica importante a ser apresentada neste trabalho. De acordo com Geeraerts (2006), George Lakoff, em colaboração com o filósofo Mark Johnson, propuseram o termo esquema imagético, publicado no livro “The Body in the Mind” de Mark Johnson, em 1987. Segundo Almeida *et al.* (2009, p. 21), esse termo se refere aos “esquemas mentais que codificam padrões espaciais e relações de força que identificamos em nossa interação com o ambiente ao redor”.

Kövecses (2006) descreve que grande parte de nosso sistema conceptual está associada aos esquemas imagéticos, como uma metáfora: ESPAÇO CONCEPTUAL É ESPAÇO FÍSICO, então, nossas experiências corporais e espaciais fornecem estruturas para nosso sistema conceptual. Logo, não podemos falar sobre corpo e mente como entidades distintas, porque experiências de esquemas imagéticos fornecem estruturas para o que chamamos de mente.

Sendo assim, Kövecses (2006) apresenta os seguintes esquemas imagéticos: CONTÊINER, EQUILÍBRIO, CAMINHO, ESCALA, PARTE-TODO, CHEIO-VAZIO, PROCESSO, OBJETO, COLEÇÃO e INTERAÇÃO. Diante disso, para exemplificar na Libras, Nunes (2020) evidencia que o sinal ALTO apresenta movimento para cima fazendo alusão ao esquema imagético ESCALA, que também é encontrado no sinal BAIXO cujo movimento é para baixo.

1.3 Metáfora Conceptual

Outra proposta teórica de grande importância para as pesquisas em Linguística Cognitiva, e para esse trabalho, é a Teoria da Metáfora Conceptual. A metáfora é vista tradicionalmente como um recurso linguístico, uma figura de linguagem, porém, para a LC ela vai além do conceito estudado em sala de aula, sendo essa um processo cognitivo, uma forma de conceptualização do mundo.

George Lakoff e Mark Johnson, na obra “Metaphors we live by”, em 1980, introduziram a forma como a LC compreende as questões metafóricas, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual. Os autores propõem que a metáfora faz parte do sistema conceptual humano, próprio do pensamento, capaz de realizar comparações entre dois domínios, permitindo ao emissor e ao receptor “conceber e exprimir ideias abstratas (...) a partir de sua experiência com entidades ou situações ontologicamente mais básicas” (ALMEIDA et. al., 2009, p. 35).

Nesse sentido, Kövecses (2006) descreve a metáfora como um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corporificado ao mesmo tempo, que envolve dois domínios de experiência conectados sistematicamente. Esses dois domínios originam-se de diferentes partes do sistema conceptual (o cérebro), e essa conexão é possível ou porque mostram alguma similaridade genética estrutural, ou porque são correlacionados por nossa experiência, relacionada à mente humana corporificada.

As metáforas são comumente encontradas em conceitos mais abstratos, pois as noções abstratas são compreendidas a partir de conceitos concretos. Esse caminho feito pelos dois domínios é a metáfora conceitual, que é concebida pelo esquema A é B, ou seja, um domínio fonte/origem é projetado em um domínio alvo. Evans e Green (2006) ressaltam que a metáfora também pode ser explicada como “X é entendido em termos de Y”.

Para exemplificar a Teoria da Metáfora Conceptual, Lakoff e Johnson (1980) apresentam a metáfora AMOR É VIAGEM, encontrada em frases como: “nosso relacionamento está em uma encruzilhada”, e “nosso relacionamento está fora de curso”. Na primeira frase, compreendemos amantes como viajantes que estão enfrentando um obstáculo em seu percurso de viagem, ou seja, em seu relacionamento. Na segunda frase, o relacionamento está fora de curso, logo, está fora do trajeto proposto para a viagem.

Consideramos esses exemplos como metáforas porque há uma associação convencional de um domínio com o outro. O que faz dessa metáfora conceptual, e não puramente linguística, é a ideia de que a motivação para a metáfora reside no nível de domínios conceituais. Sendo assim, Lakoff e Johnson propõem que não só falamos em termos metafóricos, mas também pensamos em termos metafóricos.

Uma observação importante feita sobre as metáforas conceituais é que elas são unidirecionais. O que significa que as metáforas mapeiam estruturas a partir de um domínio de origem para um domínio de destino, mas não vice-versa. Utilizando o exemplo de Lakoff e Johnson (1980), enquanto conceituamos AMOR em termos de VIAGENS, não podemos compreender VIAGENS estruturadas em termos de AMOR: viajantes não são convencionalmente descritos como “amantes”, ou acidentes de carro em termos de “coração partido”.

Diante disso, pensando no objetivo dessa pesquisa, também é importante ressaltar que a metáfora conceitual é um processo cognitivo muito presente na Libras. O que pode ser observado, por exemplo, com a alta incidência de sinais que expressam sentimentos ruins e são sinalizados com movimento para baixo, apresentando a metáfora conceptual RUIM É PARA BAIXO, tais como os seguintes sinais: DEPRESSÃO e TRISTE.

1.4 Metonímia Conceptual

Lakoff e Johnson (1980) também abordam o processo cognitivo da metonímia conceitual, outra proposta teórica importante para as pesquisas em LC e para esse trabalho. Eles argumentaram que, como a metáfora, a metonímia é um fenômeno conceptual, mas que tem uma base distinta. Para os autores a metonímia pode ser descrita como o processo cognitivo em que “X substitui Y”. Essa substituição é possível, porque existe uma estreita relação entre duas entidades pertencentes ao

mesmo domínio. Assim, a metonímia porta uma função principalmente referencial porque é possível utilizar uma entidade por outra.

Sendo assim, a metonímia conceptual é um mapeamento em um só domínio, entre o conceito veículo e conceito alvo, que possibilita o acesso mental de uma entidade por outra entidade. Em que os conceitos metonímicos conceptualizados são baseados na experiência, envolvendo associações físicas ou causais. Sobre isso, Langacker (2008) argumenta que a entidade designada por uma expressão metonímica serve como um ponto de referência que permite o acesso mental do destino desejado, ou seja, a metonímia serve como ponto de acesso a um aspecto particular de um domínio e assim proporciona o acesso ao conceito de destino.

Para exemplificar, Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que na metonímia PARTE PELO TODO há muitas partes que podem substituir o todo, mas nota-se a escolha de uma parte específica para acessar o todo sobre o qual se deseja referir. Pensando nisso, ao dizer que se precisa de algumas boas cabeças no projeto, a expressão "boas cabeças" remete a "pessoas inteligentes". Sendo assim, a questão não é apenas usar uma parte (a cabeça) para representar um todo (a pessoa), mas sim selecionar uma característica particular da pessoa, a inteligência, que é associada com a cabeça.

Assim como na relação PARTE PELO TODO, exemplificada anteriormente, dentro de um contexto específico, a metonímia torna-se um veículo saliente que ativa/destaca um alvo em particular. As metonímias, então, são representadas pela fórmula "B por A", onde "B" é o veículo e "A" é o alvo. Logo, no exemplo anterior, teríamos o veículo "boas cabeças" remetendo ao alvo "pessoas inteligentes".

Vemos, então, que a metonímia porta uma função principalmente referencial porque é possível utilizar uma entidade em lugar de outra. Porém, essa não é apenas um dispositivo referencial, mas também apresenta a função de proporcionar o entendimento. Para exemplificar na Libras, podemos observar o sinal CASA, em que há uma representação manual do telhado de uma casa. Logo, o telhado é um gatilho mental para a representação de casa em que encontramos a metonímia TELHADO POR CASA, que assim como no exemplo anterior temos a relação PARTE PELO TODO.

Em síntese, Geeraerts (2006) comenta sobre a diferenciação entre a metáfora e a metonímia. O autor destaca que a metáfora trabalha com uma projeção entre dois domínios, enquanto a metonímia estabelece relações no interior

de um único domínio. Outra distinção feita por ele é o fato das projeções metafóricas possibilitarem o entendimento de conceitos abstratos cuja compreensão não é possível diretamente, ao passo que as projeções metonímicas estão ligadas à direção da atenção em que um conceito mais destacado apresenta o trajeto mental para um menos destacado.

1.5 Iconicidade Cognitiva

A última proposta teórica a ser comentada neste capítulo é mais evidente nas línguas de sinais, sendo essa a iconicidade. Segundo Perniss (2007), a iconicidade refere-se à existência de correspondências entre uma forma linguística e seu significado. Logo, um idioma executado em uma codificação espacial-visual pode tirar proveito de oportunidades icônicas acionadas que não são disponíveis nas línguas faladas.

As línguas de sinais são articuladas espacialmente e são percebidas visualmente, elas usam o espaço e as dimensões para constituir seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Devido a essas características, apresentam formas icônicas, em que formas linguísticas tentam copiar o referente real em suas características visuais. Por isso, segundo Brito (1995), a iconicidade é mais evidente nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais, devido ao fato de o espaço parecer ser mais concreto e palpável.

Consoante, Wilcox (2004) apresenta uma visão cognitiva para definir a iconicidade, especificamente, para as línguas de sinais. Quando os pólos fonológico e semântico de sinais residem na mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é reduzida, por isso, Wilcox define iconicidade cognitiva como uma relação entre a forma de um sinal e sua referência no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceituais.

Um dos motivos que contribui para a representação icônica nas línguas de sinais é que a parte fonológica dos sinais envolve as mãos, o movimento no espaço e a interação com outros objetos. Dessa forma, as concepções de objetos e eventos podem ser iconicamente representadas (NUNES, 2014). Sobre isso, Brito (1995) acrescenta que como as línguas de sinais são produzidas de forma visual e o corpo

está sempre presente no ato da comunicação, a relação dessa língua com o corpo é inevitável.

Portanto, a medida que a iconicidade cognitiva é entendida como a realização do polo semântico e do polo fonológico de um sinal em um mesmo domínio conceptual, Nunes (2014) cometa que isso é perceptível nos sinais icônicos, pois o todo do polo semântico é sinalizado. Um exemplo disso é o sinal BOLA, em que o formato das mãos no pólo fonológico representa o formato de uma bola, trazendo, assim, o conceito desse objeto, o pólo semântico.

Em síntese, vimos, então, o que é a Linguística Cognitiva e como ela entende e analisa as línguas, o que será a base para a nossa pesquisa. Sendo assim, as propostas teóricas expostas serão utilizadas para analisar e classificar os sinais em questão, dando ênfase principalmente na corporificação, na metáfora, na metonímia e na iconicidade.

2. Literatura

Tendo em vista que nessa pesquisa serão analisados os sinais encontrados na playlist de Literatura do canal do projeto de extensão SinalArt, é necessário esclarecermos a importância da divulgação desses sinais relacionados ao contexto literário. Na playlist analisada encontramos, principalmente, sinais referentes a: nomes de autores; gêneros textuais e literários; movimentos literários; e outros diversos termos ligados à experiência literária. Assim como a divulgação desses sinais, o ensino desses termos e conceitos nas escolas também é fundamental dentro dos estudos literários, tanto para alunos surdos quanto ouvintes.

Para que possamos entender a relevância desses pontos, precisamos passar primeiro pelo conceito de Literatura e como é previsto o seu ensino nas escolas. Apesar de existirem diversos estudos e definições para explicar o que é a Literatura, segundo Sutton-Spence (2021) tratamos a Literatura como um artefato ou evento linguístico não cotidiano, que vai além da simples comunicação. A autora também acrescenta que o importante na Literatura é o uso da linguagem com o principal objetivo de proporcionar prazer, de maneira que a sua estrutura se destaque.

Sutton-Spence (2021) ressalta, então, que a Literatura pode ser vista como qualquer corpo de produções baseado na linguagem que é considerado socialmente, historicamente, religiosamente, culturalmente ou linguisticamente importante para uma comunidade. Junto disso, a autora comenta a fundamentalidade da “estética” para a Literatura, que está ligada à forma do texto literário e em nossa percepção dessa forma como bela ou prazerosa.

Pensando nesse conceito de Literatura, agora analisaremos como é previsto o ensino dessa disciplina a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BNCC, 2018, p.7). Ou seja, como referência nacional para a formação dos currículos escolares, esse documento indica expectativas de aprendizagem que precisam ser garantidas aos estudantes brasileiros.

No documento, a Literatura está inserida na área de Linguagens e suas Tecnologias, que contempla Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa. Sendo assim, a Literatura na BNCC é configurada como um campo da

segmentação do componente Língua Portuguesa e não como uma disciplina. Dentro dessa descrição, a Literatura é entendida como uma arte entre outras, por isso deve ser estudada em diálogo com as práticas de linguagem, das quais não se dissocia.

Na BNCC, dentro da disciplina de Língua Portuguesa, a análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários é prevista para se intensificar no Ensino Médio. Para desenvolver essa habilidade, é necessário aproximar as obras literárias de teorias mais aprofundadas, portanto, envolve a análise e compressão de circunstâncias sociais, históricas e ideológicas dos textos literários de diversos períodos e origens. Diante disso, podemos ver a importância do ensino dos termos e conceitos literários, que proporcionam aos alunos nomear aquilo que analisam.

Apesar de não ser tratada como um componente curricular único, a Literatura na Base Nacional Comum Curricular se dá de maneira transversal. Então, mesmo centralizada no ensino de Língua Portuguesa, os estudos literários são relevantes e importantes para o desenvolvimento de todas as áreas de conhecimento. Por isso, é necessário que todos os alunos tenham uma boa base de ensino nessa área, tendo contato com os termos e conceitos relacionados a ela.

Ainda sobre a BNCC, é interessante sinalizar que o que chamamos, aqui, de Literatura no documento é nomeado como educação literária, por compreender que a leitura literária se constrói num processo complexo de formação articulado por um conjunto de leitores e textos. O foco principal da educação literária é, então, a formação do leitor literário e o desenvolvimento da fruição. Porém, apesar de não ser o ponto central dessa área, o ensino dos termos e conceitos literários ainda é necessário para proporcionar uma educação literária completa para os alunos em sua formação como leitores.

Alguns estudos feitos antes da implementação da BNCC já criticavam os caminhos do ensino de Literatura no Brasil. Sendo um deles, o de Leahy-Dios (2004) que critica esse ensino, identificando sua ligação direta com os conteúdos exigidos nos exames vestibulares, o que o reduz ao estudo de datas, nomes de obras e autores e suas características. Consoante, Zilberman (2010) também entende que o vestibular determina a perspectiva a partir da qual é estudada a Literatura, privilegiando o ponto de vista histórico e bibliográfico.

Apesar dessas críticas entre a ligação dos conteúdos dos vestibulares e do ensino das escolas, ainda é necessário que se abordem tais conteúdos em sala de

aula. Devido a importância desses conhecimentos para a plenitude da educação literária dos estudantes, podendo ajudar na sua formação como leitores literários. Além de serem conteúdos recorrentes no vestibular, aos quais os alunos têm direito de se inscreverem e de estarem preparados para prestá-los, tendo os conhecimentos necessários disponibilizados pelas escolas.

Consoante, Cosson (2014) evidencia que um dos principais desafios contemporâneos para o ensino de Literatura na escola é concentrar o foco na história da Literatura, em características de estilos literários, associação entre autores e suas obras. Deixando de lado a Literatura propriamente dita, só vivenciada em toda a sua plenitude na leitura das próprias obras, o que muitas vezes é negligenciado pela escola. Porém, o autor destaca que a simples leitura das obras não é suficiente, é necessário conhecer o seu contexto e ter algum direcionamento ou orientação estética que o faça interpretar as obras de forma mais completa.

Considerando essa abordagem constante da história literária nas escolas, Todorov (2014) reconhece a importância de utilizá-la para trabalhar a Literatura, porém de forma instrumental, sem que seja o ponto central do estudo. Ressaltando que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Logo, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Mas, o autor evidencia que o estudo desses meios de acesso não deve substituir o sentido da obra.

Sendo assim, vemos que o ensino da Literatura deveria ser trabalhado na escola como o instrumento de fruição, não como um componente curricular predominantemente teórico. Se, por um lado, há necessidade de sistematizar e teorizar a Literatura, seus autores e obras mais significativas, por outro, há que se reconhecer seu valor formativo e sua função como instrumento de fruição e abstração.

Portanto, entendemos que mesmo havendo críticas a parte mais teórica do ensino da Literatura e esse não sendo o ponto central previsto na BNCC para o ensino literário, ainda sim é necessário e útil que se aborde em sala de aula esses termos e conceitos mais teóricos. Logo, também há grande importância no ensino e na divulgação dos sinais referentes a esses termos e conceitos para alunos surdos, e também ao público geral.

2.1 Literatura Surda

Depois de termos entendido o que é a Literatura, como é previsto seu ensino nas escolas, a importância do ensino dos termos e conceitos literários e também da divulgação dos sinais referentes a estes termos, agora veremos também como é necessário o entendimento e a divulgação da Literatura surda. Justamente por essa pesquisa se tratar de um estudo sobre os sinais da Libras referentes a Literatura, é interessante compreendermos o que é a Literatura surda e como é relevante o contato dos alunos surdos e ouvintes com essa Literatura.

A Literatura sempre esteve presente entre a comunidade surda, mas sua divulgação é um fator recente, que ainda pode ser aprimorado. Em 2002, foi reconhecida a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, como língua materna dos sujeitos surdos. Diante dessa conquista histórica e com o avanço das tecnologias e políticas educacionais, surgiram as primeiras histórias surdas de fácil acesso, em que todos os surdos e ouvintes poderiam ter contato através da internet.

Sobre o conceito de Literatura surda, Karnopp (2006) diz que podemos defini-la como a produção de textos literários em sinais, que entendem a surdez como presença de algo e não como a falta, possibilitando a representação dos surdos como um grupo linguístico e cultural. Assim, a língua gestual é vista como parte representativa do que é ser surdo, o que dialoga com os textos, por meio de estratégias de leitura e escrita que evidenciam as raízes culturais dessa comunidade.

Sutton-Spence, em seu livro *“Literatura em Libras”*, disserta sobre a Literatura surda e seus gêneros. A autora ressalta que a Literatura surda original em Libras, que não foi traduzida da Literatura das línguas orais para língua de sinais, é especialmente valorizada na comunidade surda, pois ela mostra as experiências das vidas dos surdos. E seja qual for o assunto abordado, a Literatura mostra a perspectiva visual de uma pessoa surda através da língua de sinais.

Sutton-Spence (2021) ainda destaca que a Libras não é uma mera “linguagem” que permite que os surdos tenham acesso à sociedade dos ouvintes e à língua portuguesa, ela é uma língua completa e deve ser usada para todas as funções de uma língua, inclusive a lúdica. Por isso, a Literatura em Libras se concentra na forma estética da Libras, assim como ocorre com a Literatura brasileira

escrita em português, tratando o conteúdo com perspectiva não cotidiana e se apresentando de uma maneira que seria diferente da vida comum.

Apesar da Literatura surda ser inerente à comunidade surda, ela também faz parte da Literatura brasileira, pois a experiência dos surdos brasileiros faz parte da vida brasileira, que culturalmente agrega em ambas Literaturas. Além da importância da cultura do país, a Literatura em língua portuguesa também acaba influenciando a Literatura em Libras nos assuntos abordados, na estrutura e na sua forma de apresentação.

Por outro lado, a Literatura surda brasileira tem características compartilhadas com outras comunidades surdas mundiais, como o foco principal nas imagens visuais. A experiência compartilhada pelos surdos como um grupo minoritário no contexto da sociedade dos ouvintes cria muitos tópicos parecidos nas Literaturas mundiais dos surdos. Assim, entendemos que a Literatura em Libras faz parte da Literatura surda mundial e da Literatura brasileira.

Sutton-Spence (2021) comenta que a Literatura surda pode ser criada e apresentada por surdos ou elaborada originalmente por não surdos, mas adaptada e apresentada por pessoas surdas. A autora ressalta que essa Literatura tem como objetivo principal atingir um público surdo, apesar do público ouvinte também poder apreciá-la. Nesse sentido, é sobre assuntos que tratam da experiência de ser surdo e muitas vezes do conhecimento da cultura surda, que se faz a Literatura surda.

A Literatura surda pode ser feita na língua da sociedade ouvinte ou na língua de sinais, como indica Sutton-Spence (2021); ou seja, no Brasil pode ser feita em português ou em Libras. Nessa perspectiva, o foco é em quem produz essa Literatura e sobre o que ela aborda. Em contraste, a autora também descreve que há uma Literatura em que o foco está no uso da modalidade gestual-visual-espacial, na qual não se destaca tanto a origem da Literatura, sendo essa a Literatura em língua de sinais.

Podemos dizer, então, que a Literatura surda é da comunidade surda e das pessoas surdas, já a Literatura em língua de sinais é produzida na língua das pessoas surdas, lembrando que a Literatura surda nem sempre está produzida em língua de sinais. Já a Literatura em Libras é feita na língua de sinais dos surdos brasileiros. Logo, a Literatura em Libras é um tipo de Literatura em língua de sinais, que faz parte da Literatura surda brasileira.

A Literatura surda em língua de sinais se realiza, majoritariamente, na modalidade sinalizada e muitos elementos dela são fundamentados no fato de ser uma Literatura visual “de performance” e “do corpo”, que existe apenas quando uma pessoa a apresenta. Assim, é quase impossível separar o corpo do artista do texto da narrativa ou do poema. Entretanto, a Literatura surda em língua de sinais não se desenvolve somente na modalidade sinalizada. Existem alguns exemplos de Literatura em Libras escrita, especialmente em SignWriting, embora a Libras escrita ainda não seja muito comum.

Em resumo, Sutton-Spence (2021) lista alguns critérios para ajudar a determinarmos a Literatura surda, sendo eles: ser feita por surdos; tratar da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda; ter o objetivo de atingir um público surdo; e ser apresentada em Libras. Porém, a autora enfatiza que as produções de Literatura surda não precisam cumprir todos os critérios.

É comum, quando falamos de Literatura em Libras, dividi-la entre peças traduzidas, adaptadas e originais. Sutton-Spence (2021), também acrescenta nessa divisão um tipo de Literatura em Libras que não é totalmente de origem surda, o reconto. É interessante, aqui, entendermos um pouco sobre essa divisão. Iniciando por esse acréscimo da autora, as peças de reconto são, como o nome sugere, recontadas diversas vezes e elas mantêm o conteúdo básico dos originais a cada reconto, se assemelhando ao folclore. Os tópicos são iguais, os personagens principais, os eventos fundamentais e até a estrutura geral se mantém, mas o narrador tem a liberdade de contá-la como quiser.

No que se refere às adaptações de histórias traduzidas para Libras, elas são destacadas por adaptarem seu enredo para incluírem nele personagens surdos. Já a tradução pode ser vista de maneira mais ampla para falar de qualquer forma de se levar uma história de origem não surda para a comunidade surda, assim, o reconto e a adaptação se incluíam como tipos de tradução. Mas, ela também pode ser vista como as transposições que seguem mais fielmente as palavras de um texto. Por fim, as peças originais seriam, então, aquelas que não foram traduzidas da Literatura das línguas orais para língua de sinais.

Tendo em vista essa primeira divisão feita sobre a Literatura surda, é relevante descrevermos brevemente alguns dos gêneros dessa Literatura. Segundo Heberle (2011), podemos definir gênero como um tipo específico de texto de qualquer natureza - literário ou não, oral ou escrito, formal ou informal -

caracterizado e reconhecido pela sua função específica e sua organização retórica mais ou menos típica, e também pelos contextos onde é utilizado.

Os gêneros literários são, então, um tipo específico dessa divisão, sendo caracterizados pelo uso da linguagem para entretenimento ou por destacar a linguagem criativa. Esses gêneros são divisões culturais, cada cultura categoriza a sua própria Literatura à sua maneira. Sendo assim, podemos dizer que um gênero literário é uma categoria da produção artística linguística de uma cultura, caracterizada por similaridades em forma, estilo, assunto ou conteúdo e público-alvo. Por isso, os gêneros da Literatura surda não seriam necessariamente iguais aos gêneros da Literatura brasileira, que já conhecemos.

Temos na Literatura surda, histórias cuja forma é limitada por regras que estão fora da estrutura da história, especialmente pelas configurações de mão. Um exemplo desse tipo de história delimitada, visto em C, são as histórias ABC, em que cada sinal sucessivo usa a forma de letras do alfabeto manual, de A até Z. Usar sinais com a configuração de mão certa é mais importante que a trama em si, embora a história deva fazer sentido. Outro exemplo são as histórias numéricas, limitadas pelas formas das mãos dos números, que geralmente são realizadas de 0 a 10.

Dentro da Literatura surda também encontramos o folclore, que pode ser categorizado como um conto, em que histórias são repassadas dentro de um grupo cultural. As características principais do folclore são: a origem, na qual não sabemos que o criou; a forma, que costuma conter repetições e rimas; a transmissão não escrita; e a função, que está ligada à educação e ao fortalecimento da identidade cultural.

Sutton-Spence (2021) comenta que as piadas em Libras são um exemplo de folclore porque não sabemos quem as criou. Essas narrativas cômicas simplesmente “surgem” sem autor, têm uma estrutura convencional, muitas vezes com repetição, são transmitidas sem registro formal e funcionam para entreter, mas muitas vezes também para educar a comunidade sobre regras de comportamento. Elas também utilizam muitos elementos linguísticos que vemos em outros gêneros de Literatura surda como poesia e narrativas não humorísticas.

Pensando na poesia em Libras, vemos que os poemas expressam e refletem a identidade surda da comunidade. Alguns estudos mostram que essa é uma forma de arte com regras e padrões próprios que está crescendo e mudando rapidamente,

tendo dentro desse gênero de poesia em libras diversos gêneros poéticos. Todos os poemas em Libras devem seguir algumas regras poéticas para criar um efeito poético. O gênero de alguns poemas é definido pelo objetivo de seguir uma regra específica relacionada à forma, por exemplo a limitação de um parâmetro dos sinais como o de uma configuração de mão, movimento, local no espaço ou orientação.

Agora, tendo entendido o que é a Literatura surda e tendo visto brevemente alguns de seus gêneros literários, podemos compreender como é importante apresentar a Literatura surda no contexto educacional. Para Sutton-Spence (2021) através do estudo da Literatura em Libras podemos entender progressivamente a cultura e a identidade surda e, assim, até compreender melhor a Libras.

Os textos literários auxiliam no processo de inclusão, como é o caso da Literatura surda, que permite aos estudantes ouvintes um contato com a cultura surda e com a língua dessa comunidade. Além disso, essa Literatura pode incluir os discentes surdos no âmbito da sala de aula, permitindo que eles se sintam representados e tenham autonomia linguística para exercerem suas individualidades e possam se inserir na sociedade com opiniões críticas e reflexões sobre o contexto social.

Portanto, é possível observar as atribuições dessa pesquisa ao ajudar a divulgar os sinais referentes à Literatura, pois assim tanto alunos surdos quanto ouvintes podem ter acesso a esse conhecimento para além apenas da língua escrita. Sendo essa divulgação importante também para a exposição da Libras e de sua Literatura de forma mais ampla, à medida que falamos sobre a Literatura surda para divulgar e também para incentivar o seu ensino nas salas de aula.

3. Metodologia

Este trabalho consiste na investigação dos processos linguísticos-cognitivos subjacentes nos sinais-termos encontrados na playlist de Literatura do canal do Youtube do projeto de extensão SinalArt. Em termos da forma de abordagem, essa pesquisa se configura como um estudo qualitativo, pois gera ações para descrever, compreender e explicar os processos linguístico-cognitivos empregados na produção desses sinais, assim, interpretando indutivamente nosso objeto de estudo.

No que diz respeito ao objetivo geral, consideramos esse um trabalho descritivo-exploratório, porque busca identificar as relações entre os conceitos teóricos da Linguística Cognitiva e os sinais-termos sobre Literatura disponibilizados no canal do projeto. Procura-se, então, descrever as características dos fenômenos linguísticos encontrados nesses sinais, explorando esses conceitos teóricos.

Quanto aos procedimentos técnicos empregados, nossa pesquisa pode ser categorizada como predominantemente bibliográfica e parcialmente documental. Bibliográfica, devido ao papel dos conceitos teóricos da Linguística Cognitiva, que são base para esse trabalho e nortearam a análise de dados. E documental, pela amostra selecionada de vídeos disponibilizados no Youtube, que são documentos audiovisuais.

As perguntas norteadoras desta pesquisa foram: Quais processos linguísticos-cognitivos estão presentes na produção dos sinais-termos da playlist de Literatura? E como podemos descrevê-los? A única hipótese da qual partimos é de que encontraríamos esses fenômenos linguísticos em pelo menos uma parcela dos sinais, pela premissa de que por a Libras ser uma língua visual esses processos linguísticos-cognitivos estariam mais evidentes.

Dessa forma, para responder a essas perguntas, o estudo baseou-se nos pressupostos teóricos da LC por meio da pesquisa bibliográfica, para, então, partir para a coleta de dados. A fim de selecionar a amostra a ser analisada, escolheu-se uma playlist do canal do youtube do projeto de extensão SinalArt, por esse ser um glossário em Libras feito por um projeto de extensão da UFRJ.

Dentro das opções de playlists desse glossário, a selecionada para nossa coleta de dados foi a playlist de Literatura, pois a Literatura faz parte da habilitação da graduação que se busca obter através desta monografia. Assim, os sinais-termos encontrados nessa playlist são conceitos que fazem parte dos conhecimentos

obtidos no decorrer dessa graduação, facilitando o entendimento sobre eles e tornando mais tangível a observação dos processos linguísticos-cognitivos subjacentes.

A playlist de Literatura do canal SinalArt, até o período de finalização da escrita deste trabalho, possui 134 sinais publicados, sendo essa uma amostra extensa demais para a cobertura dessa pesquisa. Devido a impossibilidade de se utilizar esse corpus na íntegra, foi feito um processo de pré análise para selecionar uma amostra mais concisa.

No processo de pré análise, todos os vídeos dos sinais presentes na playlist foram assistidos e categorizados de acordo com os processos linguísticos-cognitivos que identificamos, a partir dos conceitos teóricos da LC estudados. Os dados foram separados em uma planilha onde coletamos o nome do sinal, o fenômeno linguístico encontrado, uma breve descrição de como identificamos esse fenômeno e o link do vídeo de cada sinal.

Após a finalização da pré análise, separamos dez sinais-ternos para ser o corpus desta pesquisa. Observando que a grande maioria dos sinais categorizados possuíam metonímias e/ou metáforas subjacentes, organizamos nossa análise de dados em dois grupos de sinais, um grupo com cinco sinais metonímicos e o outro cinco sinais metafóricos.

Os dez sinais que compõem nossa amostra foram selecionados procurando elaborar um corpus diverso, tanto linguisticamente quanto literariamente. Separamos, então, sinais com números diferentes de processos linguísticos-cognitivos e também com metonímias e metáforas diferentes entre si. Além de buscar nesses sinais uma variedade nos termos literários representados, não nos atendo apenas a um tipo de termo.

Finalmente, na análise dessa amostra, feita no próximo capítulo, os sinais foram classificados de acordo com os processos linguísticos-cognitivos subjacentes encontrados. Logo após, foi descrito como esses fenômenos se comportam em cada sinal e como vemos a relação desses processos com os conceitos e significados desses sinais-ternos. Para melhor entendimento da análise, além da descrição de cada sinalização, foram utilizados prints do vídeo de cada sinal para ilustração e foram disponibilizados os links para estes vídeos.

4. Análise de sinais-termos de Literatura em Libras

Neste capítulo, apresentaremos a investigação dos processos linguísticos-cognitivos subjacentes nos sinais selecionados da playlist de Literatura do canal SinalArt, baseando-se nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva descritos no capítulo 1 e seguindo a metodologia detalhada no capítulo anterior. Os dados analisados foram separados em seções de acordo com o principal processo linguístico-cognitivo subjacente encontrado em cada sinal-termo.

4.1 Sinais metonímicos

Nesta primeira seção, analisaremos os sinais-termos nos quais o processo linguístico-cognitivo da metonímia foi encontrado, sendo essa uma seleção de cinco sinais metonímicos. Para dar início a análise, é relevante lembrar que a metonímia é uma proposta teórica da Linguística Cognitiva em que “X substitui Y”, sendo assim um mapeamento em um só domínio entre o conceito veículo e conceito alvo, que possibilita o acesso mental de uma entidade por outra entidade. As metonímias são representadas, então, pela fórmula “B por A”, onde “B” é o veículo e “A” é o alvo.

O primeiro sinal-termo a ser investigado é o sinal de VISUAL VERNACULAR (figura 1). A poesia Visual Vernacular (também conhecida como VV) é um gênero literário da Literatura surda, que utiliza o corpo, o espaço e as expressões faciais para contar histórias de forma tridimensional e cinematográfica, muitas vezes sem recorrer a sinais convencionais, na qual todos os personagens, a paisagem e o narrador são apresentados pelo contador.

Figura 1 - Sinal VISUAL VERNACULAR



Fonte: <https://youtu.be/5Mgk1G6iIPU?si=K5zuVqMwf3wbfnfU>

O sinal de VISUAL VERNACULAR (figura 1) é, aqui, classificado como um sinal metonímico, pois ele é sinalizado a partir da representação da letra V e de sua repetição ao lado. Sendo assim, encontramos nesse sinal a metonímia LETRA POR PALAVRA, tendo essa uma relação de PARTE PELO TODO. Ou seja, cada letra V no sinal remete ao todo da palavra “visual vernacular”, por isso esse gênero literário também é conhecido como “VV” pela comunidade surda.

Seguindo, o próximo sinal-termo da nossa análise é o sinal de Literatura DE CORDEL (figura 2). A Literatura de Cordel é um gênero literário popular brasileiro, escrito em versos e caracterizado pela sua métrica, rimas, oralidade e ilustrações em xilogravuras, normalmente seus folhetos são expostos em cordéis (barbantes) presos com pregadores.

Figura 2 - Sinal Literatura DE CORDEL



Fonte: https://youtu.be/0xYVH2wJL0k?si=qBrwk9JRkn_WJ-It

O sinal de Literatura DE CORDEL é categorizado como um sinal icônico-metonímico, devida a sua sinalização, que é feita segurando uma das mãos com os dedos e mudando de posição para a extremidade da mesma, como ilustrado na figura 2, representando, assim, os pregadores que prendem os folhetos nos cordéis.

Logo, identificamos nesse sinal a metonímia FORMA POR CONCEITO, já que, o que é sinalizado é a forma que a Literatura de cordel é exposta remetendo, assim, ao todo do conceito desse gênero literário. Junto da metonímia, também é identificada a iconicidade no sinal, visto que a sua forma linguística, a sinalização, tenta copiar o referente real em suas características visuais, a disposição dos folhetos em cordéis.

Dando continuidade, também foi investigado o sinal de RIMA (figura 3), que pode ser definida como um recurso estilístico muito utilizado nos textos poéticos, o qual proporciona sonoridade, ritmo e musicalidade. Para mapear visualmente as rimas de um poema, utilizam-se as letras do alfabeto, atribuindo a letra A para o som do primeiro verso e, em seguida, usa-se a mesma letra para os versos que rimam com ele, depois introduzem-se novas letras para novos sons.

Figura 3 - Sinal RIMA



Fonte: https://youtu.be/IZTw23_VPhA?si=0AVYIuLTCQwHvy6Y

Em nossa análise, classificamos o sinal de RIMA como um sinal icônico-metonímico. Ele é sinalizado utilizando as duas mãos reproduzindo a letra R do alfabeto manual, como podemos ver na figura 3, que se juntam e se afastam três vezes, ao mesmo tempo que se movimentam para baixo a cada afastamento.

Reconhecemos nesse sinal duas metonímias, primeiro, a metonímia LETRA POR PALAVRA, em que a letra R representa a palavra “rima”. Já a segunda, é a metonímia FORMA POR CONCEITO, na qual a movimentação do sinal emula a forma do mapeamento visual das rimas, que já foi explicado anteriormente, caracterizando, assim, essa forma como um representante do conceito de rima. A iconicidade presente nesse sinal também está ligada a essa reprodução do mapeamento visual das rimas, pois, dessa maneira o sinal tenta copiar o referente em suas características visuais.

O próximo sinal analisado é o sinal pessoal de Clarice Lispector (figura 4), ou seja, é sinal dado para nomear e se referir a autora em Libras. Clarice Lispector (1920-1977) foi uma das escritoras mais importantes e influentes da Literatura brasileira do século XX e é muito conhecida por suas obras *A Hora da Estrela* e *A Paixão Segundo G.H.*

Figura 4 - Sinal CLARICE LISPECTOR



Fonte: <https://youtu.be/ASghHADhWSc?si=BG-LtIpKU7qEnv-i>

O sinal de CLARICE LISPECTOR é classificado, em nossa pesquisa, como um sinal icônico-metonímico-corporificado. Esse sinal pessoal é sinalizado com a mão aberta na lateral do rosto, como demonstrado na figura 4, que se movimenta para baixo indo em direção a orelha, representando a franja da autora, logo após a mão vem em direção a boca em V, retratando o hábito de fumar.

Este sinal apresenta a metonímia CARACTERÍSTICA FÍSICA POR PESSOA, que assim como as metonímias anteriores continua tendo a relação de PARTE PELO TODO, a medida que se evidencia a franja da autora para representá-la como um todo. Também há a iconicidade neste sinal pessoal, tanto pela retratação da franja da autora quanto pela emulação de seu hábito de fumar, que são maneiras da forma linguística do sinal copiar as características visuais do referente real, a Clarice.

Diferente dos sinais anteriores, encontramos neste também o processo linguístico-cognitivo da corporificação, pois para a sinalização utiliza-se de seu próprio corpo para expressar as características físicas da autora. O corpo mais do que nunca se torna parte integrante da composição dos sinais, pois não há como representar a franja sem demonstrá-la em sua cabeça e, do mesmo modo, não há como emular o fumo sem utilizar de sua boca.

Partindo para o último sinal metonímico, foi investigado o sinal pessoal de Graciliano Ramos (figura 5). Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953) foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro, considerado um dos maiores nomes da Literatura brasileira e mais conhecido por sua obra *Vidas Secas*.

Figura 5 - Sinal GRACILIANO RAMOS



Fonte: https://youtu.be/X6kGGT_GtVA?si=3Qb4lfK0NGJSFTu7

Em nossa investigação, o sinal de GRACILIANO RAMOS é entendido como um sinal icônico-metonímico-corporificado, assim como o sinal anterior, que também é um sinal pessoal. A sua sinalização é feita com uma mão reproduzindo a letra G do alfabeto manual, como visto na figura 5, que vai da lateral da testa até a parte de trás da cabeça, em um movimento para trás bem próximo ao cabelo.

Neste sinal, foram identificadas duas metonímias, no início, a metonímia LETRA POR PALAVRA, em que a sinalização da letra G corresponde ao nome do autor. Depois, a metonímia CARACTERÍSTICA FÍSICA POR PESSOA, que assim como no sinal de CLARICE LISPECTOR, utiliza-se da representação do cabelo do autor para retratá-lo como um todo, o que acontece ao passar a mão próxima ao cabelo para trás exprimindo a imagem do penteado característico de Graciliano.

A iconicidade neste sinal se dá pela representação do cabelo do autor, que é sinalizada de forma icônica à medida que o sinal copia uma característica visual do referente, sendo esse o seu cabelo. A corporificação presente nesse sinal também está ligada a essa representação, pois para retratar essa característica visual é necessária a utilização da própria cabeça do sinalizante, que incorpora a representação do penteado de Graciliano em seu próprio corpo.

A partir dessa amostra de sinais metonímicos percebemos algumas características que são de nosso interesse ressaltar. Primeiro, vê-se a possibilidade de um sinal apresentar mais de uma metonímia para sua construção de sentido. Também identificamos que um só sinal pode possuir mais de um processo linguístico-cognitivo subjacente em sua sinalização, tendo assim a possibilidade de ser icônico e/ou corporificado além de metonímico.

Por fim, observamos que dentro dessa seleção de sinais as metonímias subjacentes encontradas estão ligadas a relação de PARTE PELO TODO, pois mesmo sendo metonímias diferentes todas recuperam uma parte do referente para exprimir o todo de seu conceito. Vale ressaltar também que os dois sinais pessoais analisados foram classificados como icônicos-metonímicos-corporificados, então vemos uma relação forte entre os sinais pessoais e a incidência da iconicidade e da corporificação.

4.2 Sinais metafóricos

Nesta segunda seção, exibiremos a investigação feita sobre os sinais-termos em que encontramos o processo linguístico-cognitivo subjacente da metáfora, sendo essa uma seleção de cinco sinais metafóricos. Para iniciarmos a análise é pertinente lembrarmos que a metáfora é uma proposta teórica da Linguística Cognitiva comumente encontrada em conceitos mais abstratos, em que essas noções abstratas são compreendidas a partir de conceitos concretos. Sendo assim, esse fenômeno linguístico é representado pela fórmula “A é B”, no qual um domínio fonte/origem é projetado em um domínio alvo.

O primeiro sinal-termo metafórico a ser analisado é o sinal de CONTEMPORANEIDADE (figura 6), que dentro da playlist analisada se refere a Literatura contemporânea. Esse período histórico-literário está ligado à produção literária do pós-guerra, meados do século XX, até os dias atuais. A Literatura contemporânea abriga múltiplos movimentos e é marcada pelo experimentalismo formal e por um forte diálogo com as tecnologias e questões sociais vigentes.

Figura 6 - Sinal CONTEMPORANEIDADE



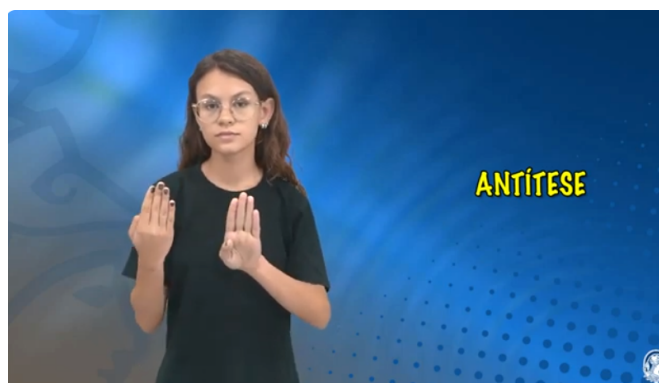
Fonte: <https://youtu.be/kHQ558j9ECc?si=D8szzh01f1-VgaL0>

O sinal de CONTEMPORANEIDADE é classificado, nessa pesquisa, como um sinal metafórico. A sua sinalização é feita com as duas mãos em pé em frente ao ombro, viradas para o corpo, que se movimentam para frente e viram para a horizontal, como mostra a figura 6, para então a mão que está à frente se movimentar para frente.

A metáfora identificada nesse sinal é FUTURO É PARA FRENTE, que é uma metáfora comumente encontrada, e observa-se a sua presença neste sinal pois a sinalização desse termo consiste basicamente da movimentação das mãos para a frente. Essa metáfora se relaciona com o período histórico-literário em questão a medida que a contemporaneidade está ligada à ideia de futuro, já que o tempo atual e sua produção literária são definidos pela rápida inovação tecnológica, pela aceleração das mudanças globais e pela expectativa constante do que virá.

O próximo sinal de nossa análise é o sinal de ANTÍTESE (figura 7), uma figura de linguagem que consiste na aproximação de palavras ou ideias com sentidos opostos, antônimos, como o objetivo de criar um contraste nítido para intensificar e dar mais expressividade à mensagem, destacando a dualidade de uma situação.

Figura 7 - Sinal ANTÍTESE



Fonte: <https://youtu.be/BivFm8IvVQc?si=ypwGCqH7jkmohwnG>

O sinal de ANTÍTESE é categorizado, aqui, como um sinal metafórico, devido a sua sinalização, que é feita com uma mão em pé com a palma virada para frente e uma mão encostada atrás desta primeira mão, na qual a mão de trás se movimenta para o lado virando sua palma em direção ao corpo, como ilustrado na figura 7.

Subjacente neste sinal encontramos a metáfora OPOSIÇÃO É MOVIMENTO CONTRÁRIO, pois no momento da sinalização que a palma da segunda mão se vira para o lado contrário expressa-se a ideia de oposição, que está ligada a característica dessa figura de linguagem que consiste na aproximação de palavras ou ideias com sentidos opostos.

Prosseguindo em nossa investigação, o próximo sinal analisado é o sinal de POESIA (figura 8), que é uma manifestação artística que expressa sentimentos, emoções e reflexões usando uma linguagem carregada de subjetividade, ritmo e beleza. Sendo a poesia a essência e o conteúdo de algo que desperta sensibilidade, e o poema a estrutura física escrita em versos e estrofes que a abriga.

Figura 8 - Sinal POESIA



Fonte: <https://youtu.be/JeZmUuOTGXs?si=YPi83rYz6Kv3EkcT>

Neste trabalho, o sinal de POESIA é entendido como um sinal metafórico, que é sinalizado com as duas mãos fechadas no formato da letra O do alfabeto manual, posicionadas uma em cima da outra próximas ao peito, que se movimentam levemente para cima enquanto se abrem, como visto na figura 8.

A partir dessa sinalização identificamos a metáfora subjacente POESIA É EMOÇÃO, pois a movimentação do sinal de POESIA é similar a do sinal de EMOÇÃO (que é feito com um braço estendido e uma mão subindo esse braço na mesma movimentação do sinal de POESIA), além do fato do sinal ser produzido próximo ao peito que também está ligado a essa ideia de emoção. A confirmação de que essa metáfora se associa ao conceito de poesia é que a mesma se caracteriza por expressar sentimentos e emoções.

Dando continuidade à análise, comentaremos sobre o sinal de AUTOBIOGRAFIA (figura 9), que é um gênero literário e textual em que o autor narra a história da própria vida, esse gênero recorre ao texto narrativo, porque narra uma sequência de acontecimentos na ordem em que ocorreram.

Figura 9 - Sinal AUTOBIOGRAFIA



Fonte: <https://youtu.be/zqwh4rHS2Fg?si=0EohdIhjCsgKcQKd>

O sinal de AUTOBIOGRAFIA é classificado, nesta pesquisa, como um sinal metafórico-corporificado. Sua sinalização é feita com uma mão aberta posicionada próxima à orelha, como mostra a figura 9, que se movimenta para frente enquanto os dedos se mexem e ao passar próxima ao rosto modifica-se a configuração de mão para que os dedos indicador e polegar formem um formato de C, enquanto a mão desce virada para o tronco.

Reconhecemos nesse sinal duas metáforas, sendo a primeira PASSADO É PARA TRÁS, metáfora comumente encontrada na Libras, identificamos-a pois o sinal é iniciado em uma posição mais atrás e vem se movimentando para frente, referenciando a característica desse gênero no qual a pessoa escreve sobre os acontecimentos desde seu passado até os dias atuais.

A segunda metáfora identificada é EU É CONTÊINER, observamos essa metáfora na configuração de mão feita com os dois dedos virados para o tronco do sinalizante, que remete a ideia de que a pessoa que escreve sua autobiografia contém sua história que é contada. Essa representação faz alusão ao esquema imagético de CONTÊINER, que nesse caso codifica o padrão abstrato de que pessoas podem possuir algo em si, possuindo nesse sinal a própria história pessoal.

Este sinal também apresenta corporificação, à medida que a experiência corporificada pode ser apresentada por meio dos esquemas imagéticos. Logo, o esquema imagético contido na metáfora EU É CONTÊINER traz essa relação corporificada ao sinal, já que é preciso que o sinalizante utilize seu corpo como um contêiner dessa história.

O último sinal de nossa investigação é o sinal de ANTROPOMORFISMO, que é um recurso estilístico que atribui características, emoções, comportamentos ou linguagem humana a seres não humanos, como animais, plantas, forças da natureza ou objetos inanimados. Ele permite que o autor torne o desconhecido familiar e crie conexões emocionais com o leitor.

Figura 10 - Sinal ANTROPOMORFISMO



Fonte: <https://youtu.be/rBbFT4skFTA?si=QM58wQzWREdHNXh0>

Nesta análise, o sinal de ANTROPOMORFISMO é categorizado como um sinal icônico-metafórico-corporificado. Este é sinalizado com as duas mãos mais a frente do corpo que se movimentam para trás, aproximando-se do corpo, enquanto o dedo polegar encosta nos outros quatro que estão esticados, fazendo um movimento de pegada (como ilustrado na figura 10), então nesta configuração as mãos se aproximam do peito e se movimentam descendo o tronco.

A metáfora identificada nesse sinal é a metáfora COLOCAR ALGO EM SI É INCORPORAR, vista no sinal conforme o movimento de pegada, feito no início, junto do movimento de incorporação feito, no momento que as mãos se aproximam do peito e descem o tronco, colocando algo no corpo do sinalizante. Essa sinalização remete à incorporação feita pelo antropomorfismo, pois o ser não humano em questão passa a incorporar características humanas.

Juntamente, encontra-se a iconicidade nesse sinal, pois a representação da incorporação explicada no parágrafo anterior remete a imagem visual que temos deste conceito abstrato, em que incorporar seria parecido com colocar algo em si. Há também a corporificação, que de modo semelhante está ligada a essa incorporação, justamente por necessitar que o sinalizante incorpore algo em seu próprio corpo para retratar a ideia do antropomorfismo.

Com base neste recorte de sinais metafóricos, julgamos pertinente ressaltar algumas características observadas nesta parte da pesquisa. A primeira característica reconhecida é que, assim como no caso dos sinais metonímicos, os sinais metafóricos podem possuir mais de uma metáfora subjacente, como acontece no sinal de AUTOBIOGRAFIA; mesmo que essa característica não faça parte de grande parte desta seleção, ainda sim está presente.

Outro ponto em comum encontrado sobre os sinais metafóricos e metonímicos é que ambos podem possuir mais de um processo linguístico-cognitivo subjacente em sua sinalização. Sendo assim, um sinal metafórico pode ser também icônico e/ou corporificado, apesar dessa variedade de processos linguísticos-cognitivos não ser tão presente em nossa amostra dos sinais metafóricos.

Em conclusão, também constatamos que, assim como dito em nosso referencial teórico, as metáforas são comumente encontradas em conceitos mais abstratos, sendo os termos trazidos nessa análise abstratos em certo nível. E é justamente pela abstração desses termos que a metáfora é utilizada para representá-los, pois esses não têm um referente visual concreto para a sinalização, o que também torna mais escassa a presença de iconicidade nesses sinais.

Considerações Finais

Propôs-se, neste trabalho, a análise dos processos linguísticos-cognitivos subjacentes em sinais-termos da Libras presentes na playlist de Literatura do canal SinalArt. Para tal, foram investigados em nossa análise de dados os sinais selecionados, a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, apresentados no primeiro capítulo.

A compreensão do papel desses processos linguístico-cognitivos na elaboração dos sinais contribui simultaneamente para a divulgação científica dos estudos linguísticos cognitivos e para o incentivo do estudo linguístico da Libras. Além de salientar o estatuto linguístico da Libras como uma língua natural de modalidade visuo-espacial, com estrutura gramatical própria.

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que um sinal pode possuir um processo linguístico-cognitivo ou mais presentes em sua elaboração, sendo assim, há a possibilidade de uma diversidade de classificações, em que um sinal pode ser icônico e/ou corporificado além de metonímico e/ou metafórico. Consoante, também identificamos que os sinais podem apresentar tanto mais de uma metonímia, como no caso do sinal de RIMA, quanto mais de uma metáfora, como no sinal de AUTOBIOGRAFIA.

Especificamente ligado aos sinais metonímicos, na seção 4.1 da análise de dados, observamos que dentro da nossa seleção de sinais-termos as metonímias analisadas apresentam uma relação de PARTE PELO TODO, mesmo sendo metonímias diferentes todas recuperam uma parte específica do referente para representar seu todo. Ainda nessa seção, identificamos que os sinais pessoais tendem a ser icônicos-metonímicos-corporificados, como foram classificados os dois sinais pessoais da nossa amostra.

Durante a análise dos dados, também percebemos que a metonímia parece estar ligada à iconicidade, já que a parte selecionada para se referir ao todo do sinal-termo está relacionada, na maioria das vezes, a uma característica visual do conceito sinalizado. Por isso, seria necessário conhecer as características visuais dos termos sinalizados para observar as metonímias subjacentes nesses sinais.

Sobre a metáfora em específico, constatamos que elas são encontradas normalmente em conceitos mais abstratos, como nos termos trazidos em nossa análise. Devido a essa abstração, observamos que a iconicidade parece ser pouco

frequente em sinais metafóricos, já que esses não teriam um referente visual concreto. Então, para analisar as metáforas encontradas em um sinal seria necessário entender sobre o conceito do termo em questão, pois as metáforas costumam estar relacionadas de alguma forma às informações mais teóricas do sinal-termo.

Tendo em vista os resultados obtidos nesta pesquisa, podemos concluir que conseguimos cumprir o objetivo traçado, identificando as relações entre os conceitos teóricos da Linguística Cognitiva e os sinais-terms sobre Literatura disponibilizados no canal do projeto. Também confirmamos nossa hipótese de que encontraríamos processos linguísticos-cognitivos em pelo menos uma parcela dos sinais selecionados, visto que reconhecemos no mínimo um fenômeno linguístico em cada sinal analisado.

Devido à pequena extensão do corpus desta pesquisa, em direcionamentos futuros buscaremos expandir nossa amostra de dados, possivelmente abrangendo todos os sinais-terms da playlist de Literatura do canal SinalArt. Buscando uma análise mais profunda e detalhada, em que pudéssemos também entender a frequência da apreciação de cada processo linguístico-cognitivo e qual a relação dos processos mais frequentes com os termos literários

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. L. et al. (Org.). **Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CHIAVEGATTO, V. C. **Introdução à Linguística Cognitiva**. Matraca, Rio de Janeiro, v.16, n. 24, jan-jun, 2009.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive linguistics: basic readings**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEBERLE, V. **Texto, discurso, gêneros textuais e práticas sociais na sociedade contemporânea: tributo a José Luiz Meurer**. Cadernos de Linguagem e Sociedade - Papers on Language and Society, 12(1), p. 155-168, 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda**. Campinas: Educação Temática Digital_EDT, v.7, n.2, 2006.

KÖVECSES, Z. **Language, mind and culture: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NUNES, V. F. **Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NUNES, V. F. **Contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo de línguas de sinais**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 81, jan. 2020.

PERNISS, P. **Space and Iconicity in German Sign Language (DGS)**. Printed and bound by Ponsen & Looijen bv, Wageningen, 2007

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em libras**. 1. ed. - Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2021.

TODOROV, T. **A Literatura em perigo**. 5. ed. São Paulo: Difel, 2014.

WILCOX, S. **Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages**. Germany: Walter de Gruyter, 2004.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino de Literatura**. Curitiba-PR: Ibpex, 2010.